

---

# The church in the city:

## The churchyard in Parish Church Complexes - 3 Case Studies

**EURAU'12**

---

*ABSTRACT. Although architectural discussion around religious buildings has been dominated by the reform of liturgy in the 20th century, the activity resulting from the new interpretation of the church's role in present day cities produced changes in the buildings' morphology and typology. This study addresses the importance of the public space, the parish churchyard, as a link between the city and the church, between the street and the building. In this contribution we make a comprehensive critical reading of three Portuguese case studies: a churchyard in a block crosswalk (Sagrado Coração de Jesus, Lisbon), an enclosed churchyard (Santo António, Portalegre) and a churchyard as a cornerstone, which roots the fragments in the surrounding city (Santa Maria, Marco de Canaveses).*

---

*KEYWORDS. church, city, churchyard, religious architecture, public space*

---

### **João Luís Marques**

FAUP – Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto

FCT - Fundação para a Ciência e Tecnologia (ref. bolsa - SFRH/BD/76479/2011)

travessa Quinta do Rio Frio, 1, 2350-761 Torres Novas (PT),  
joaluismarques@gmail.com

Sendo o espaço público um lugar de representação da sociedade democrática, onde se manifestam e tomam palavra indivíduos, grupos e associações, também as Igrejas tomam lugar nesta construção conjunta, contribuindo com todos os demais para a construção da cidade, numa perspectiva filosófica designada - construção do bem comum.<sup>1</sup>

A construção da igreja cristã é uma das expressões arquitectónicas deste desejo. Ainda que "Deus não habite em templos construídos pela mão do homem" (Act 17,24) a comunidade cristã sentiu a necessidade de os construir no mundo em que habita, procurando um espaço celebrativo que fosse resposta à sua dimensão espiritual e comunitária. Dois mil anos de história da arquitectura testemunham esta vontade e, portanto, poderemos dizer que esta faz parte, numa perspectiva alargada, da memória coletiva da cultura ocidental.<sup>2</sup>

A ela está associado um lugar de destaque na malha urbana, um lugar de exceção de arquitectura singular. Muitas das igrejas construídas fazem parte do património histórico e da identidade de cidades. Ao longo da história da cidade europeia as igrejas geraram crescimento e consolidação urbanas à sua volta. A relação próxima com o poder e a influência da Igreja na sociedade permitiu que esta marcasse presença física em toda a cidade, construindo espaços de culto em praças, largos e ruas.

O longo processo de laicização contribuiu para um novo estatuto da Igreja, que a coloca como mais uma instituição na cidade plural, caracterizada pela diversidade, cruzamento de culturas e valores. A experiência religiosa e espiritual passou a fazer parte, cada vez mais, da esfera da vida íntima e privada. Consequentemente a igreja construída foi perdendo o seu lugar de destaque na "praça pública". Ainda que presente na cidade moderna, esta não tem o protagonismo que teve durante séculos de história e tradição.

Não sendo mais a cidade sua pertença, coube à Igreja procurar o seu "novo" lugar na cidade, fosse ele numa paróquia na dita cidade consolidada, num bairro periférico, ou na condição urbana de cidade fragmentada.

Aos arquitetos coube a tarefa de criar e conquistar esse "lugar novo", que transportasse a memória coletiva da história e tradição. Mas como articular este edifício com a cidade que hoje o envolve?

O adro foi e é peça-chave nesta transição entre a cidade e a igreja, na mediação entre a rua e o edifício.

Na etimologia da palavra portuguesa adro está a latina - *atrium*. Trata-se pois de um espaço de acolhimento e de distribuição. A mesma palavra nas suas variantes latinas: *atrio* (espanhol), *parvis* (francês), *sagrato* (italiano) permitem lançar outras pistas de entendimento sobre a natureza deste espaço de uso público: átrio, paraíso, sagrado. Se por um lado é lugar de acolhimento e encontro, lugar de sociabilização é, simultaneamente, lugar litúrgico.

No adro, as dimensões litúrgica (culto) e de serviço à cidade (pastoral) confrontam-se e dialogam. Em conjunto, o complexo paroquial, pretende ser rosto construído da progressiva abertura da Igreja ao mundo, expressa pelo concílio Vaticano II.<sup>3</sup> A igreja, entendida como objeto arquitetónico isolado, perde protagonismo em prol de uma maior integração na cidade.

O adro é plataforma aglutinadora do(s) edifício(s) que compõem o complexo paroquial. Um espaço capaz de organizar hierarquicamente diferentes volumes, estabelecendo uma unidade entre si e na relação com as construções vizinhas.

Valerá então a pena olhar para diferentes formas de adro, e perceber como se ordenam e acolhem a quem se aproxima seja por "necessidade, interesse ou pela simples curiosidade".

Por um lado encontramos sistemas abertos e permeáveis, onde o limite da intervenção é pouco definido, procurando uma real integração na rede de espaço público urbano. Por outro, identificamos também sistemas fechados, bem delimitados, que se voltam para o interior do edificado buscando uma autonomia e uma ordem difícil de encontrar na articulação com a cidade real, construída e vivida. <sup>4</sup>

O problema do adro aqui apresentado não é novo na história da urbanística e da arquitectura, contudo a transformação da cidade contemporânea e do seu espaço público juntamente com as alterações morfológicas e tipológicas das igrejas torna o olhar sobre o tema pertinente e merecedor de análise. Como é desenhado este espaço de mediação? Que peso tem o projecto de arquitectura dos edifícios para a definição do desenho de espaço público?

Sugerimos portanto uma breve leitura de três adros projetados e construídos a par de complexo paroquiais, em Portugal, na segunda metade do século XX. As diferentes situações urbanas que os envolvem, o modo como os arquitetos os desenharam, as relações que procuraram evidenciar, o destaque que deram aos elementos que o compõem, permitirão identificar linhas de investigação condizentes e contemporâneas com outras desenvolvidas a nível internacional. Uma proposta de leitura crítica que torna evidente a evolução histórica que sabemos, à partida, feita de avanços e recuos, sempre marcada pela experimentação.

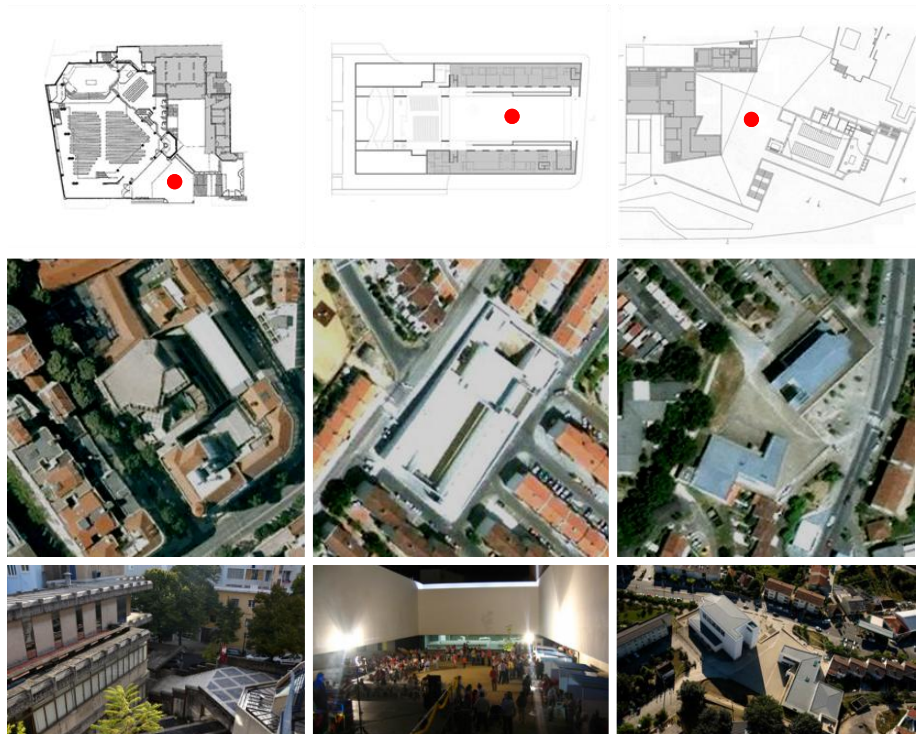


Fig.1

## 1. Do cimo do parque ao quarteirão, um adro no atravessamento <sup>5</sup>

*"Uma reflexão sobre o programa colocava em primeiro plano o problema da presença urbana da igreja: de um dos pólos não se podia iludir que ao novo edifício se atribuía uma projecção mais vasta do que os limites da paróquia residencial, o que desde logo sugeria a procura de uma situação evidente de um destaque volumétrico do templo. Por outro lado, a regularidade do traçado urbano da zona pedia uma rotura na continuidade da construção marginal que deixasse verter o espaço público da rua por um "centro paroquial" que se deseja aberto e atractivo."*<sup>6</sup>

Neste excerto da memória descritiva do ante-projecto levado a concurso pelo atelier de Nuno Teotónio Pereira, ainda que falasse de "templo", era certo que aquele que propunham nada tinha a ver com a nova catedral de Lisboa, sonhada mas nunca construída, a erguer ao cimo do parque Eduardo VII dominando a capital. Aliás é contra esta ideia, que um grupo de mentes progressistas envolvidas com o Movimento de Renovação de Arte Religiosa (MRAR), leva à discussão e à criação de um concurso (1961-62) para uma nova "igreja e seus anexos", num quarteirão junto ao novo centro de negócios e serviços que se estava a desenvolver junto à rotunda do Marquês de Pombal.<sup>7</sup>

Ainda que o concurso fosse motivado por uma vontade de rever o tema da "arquitetura religiosa" não deixa de ser curioso verificar que a avaliação das propostas incidiu primeiramente nas questões urbanas, nomeadamente na relação do edificado proposto com a rua e com os edifícios vizinhos do quarteirão.<sup>8</sup> A forma quadrangular e dimensão exígua do lote para a área de construção proposta, o desnível topográfico acentuado (com 10 metros de diferença entre ruas) tornaram o concurso desafiante.

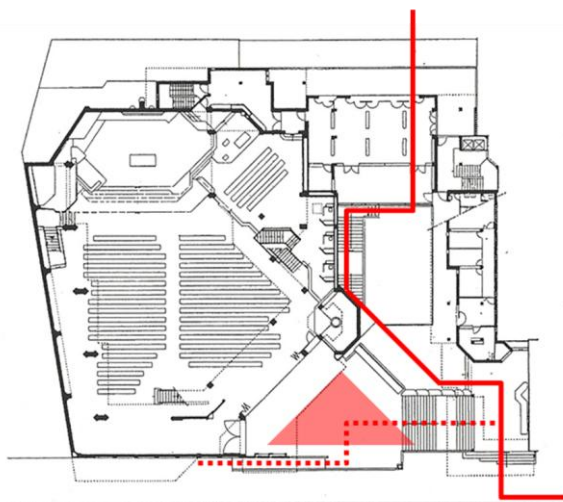


Fig.2

A proposta vencedora de Teotónio Pereira e Nuno Portas explora o atravessamento público do interior do quarteirão, animado por uma sucessão de espaços exteriores, cobertos e descobertos, escadas e patamares, onde é feito o acesso aos diferentes pisos do equipamento paroquial. O programa elaborado abrangia uma diversidade tal de valências, dos espaços de assistência aos de formação que seriam garantia de uso e vitalidade do complexo, um *"minicentro urbano, aberto e não marcadamente religioso"*.<sup>9</sup> O desenho do espaço público está intrinsecamente ligado ao projeto de arquitetura do edifício, funcionando, todo ele, como organismo de distribuição. Os espaços exteriores, tal como os interiores pressupunham *"o dinamismo e mobilidade dos utilizadores.(...) Os elementos arquitectónicos foram pensados para destacar e enfatizar a presença humana."* O projecto de arquitectura procurava então *"favorecer, estimular e ajudar a esse comportamento"* que se desejava participado, conferindo à obra o *"sentido de abertura à cidade, (...) de vida intensa e multiforme"*.<sup>10</sup>

O adro surge amarrado ao percurso de atravessamento e elevado em relação à rua. Ainda que tenha sido idealizado como uma zona estanque, e portanto independente do percurso que une as diferentes cotas, a introdução da rampa estreita que conduz o peão da rua diretamente ao adro, integrou o adro num percurso secundário que liga ao principal de atravessamento do quarteirão.<sup>11</sup>

Do lado oposto à rampa, o estreito topo do edifício paroquial, recuado em relação à rua, não só resolve a empena da construção vizinha, como desenha o pórtico de entrada de todo o complexo que, nesta frente, é dominado pelo imponente corpo da igreja. Uma entrada coberta e baixa ao nível da rua, reforça a ideia de acolhimento.<sup>12</sup> Logo à entrada o percurso bifurca dando origem a uma larga escadaria, revestida a mármore branco, que conduz ao adro situado à cota superior. Uma outra mais estreita conduz à rua situada na cota inferior.

O adro de geometria triangular, define três frentes de relação. A primeira e mais directa é de nível com a igreja, marcada pelo rasgamento da porta em toda a sua largura, coberta por uma pala. A porta de fole permite o prolongamento do espaço público para o espaço interior litúrgico.

As outras duas frentes de relação do adro são elevadas, uma em relação ao passeio público e outra em relação ao percurso de atravessamento. A colocação elevada do adro, permite tirar partido do perfil arborizado da rua – o adro fecha-se sobre esta graças à copa das tílias que ladeiam o eixo viário. Desta forma a caracterização do espaço público pré-existente não só foi respeitada como aproveitada para a definição/caracterização do novo espaço público proposto. O tratamento dos diferentes pavimentos espelha o cuidado na hierarquização das diferentes zonas. O atravessamento sugere continuidade com o passeio público recorrendo à calçada em micro cubo, enquanto o adro foi lajeado a mármore. A amarração à cidade existente não se reduziu a meras relações com o edificado envolvente.

Se na rua principal é possível descortinar algo sobre a natureza programática do equipamento, é graças ao modo como formalmente se caracterizam cada um dos volumes que delimitam o adro, e não à presença de símbolos religiosos na cobertura, pouco visíveis ao nível do peão.

Na rua de trás (à cota baixa), um vulgar edifício de escritórios esconde todo o complexo paroquial. O seu piso térreo parcialmente vazado permite ligar ao atravessamento público num ambiente de penumbra e *"gradação de intimidade dos espaços exteriores que introduzem uma progressiva calma no bulício do trânsito, preparando o acto de entrar"*<sup>13</sup>. Entrada esta realizada a partir do adro, o grande vazio descoberto e iluminado. Aqui podemos estabelecer uma ligação com as propostas contemporâneas à da igreja do Sagrado Coração de Jesus, nomeadamente na obra brutalista de Walter Forderer desenvolvida na Suíça, nas

mesmas décadas de 1960-70, que também explora os percursos de acolhimento, intimistas, desnivelados e não lineares que conduzem ao adro descoberto e iluminado.<sup>14</sup> O mesmo tema da igreja implantada entre duas ruas num percurso de circulação vertical seria explorado por outro arquitecto suíço, Hermann Baur, em St. Michael, Ennetbaden (1960-1966). A referência à arquitectura italiana é outra fonte reconhecida pelos autores. Na década de 1950, a obra de Ludovico Quaroni já tinha despertado o interesse dos arquitectos portugueses Nuno Teotónio Pereira e Nuno Portas, aquando da sua visita ao norte de Itália. À data visitaram a igreja Sacra Famiglia, Génova (1956-1959), que foi inspiração para a obra de Lisboa.

O espaço público proposto resulta de um entendimento sobre o modo e o lugar do equipamento religioso na cidade – uma igreja aberta para um adro integrado num cruzamento de percursos. É o forçar da situação de gaveto para um interior de quarteirão.

## **2. Num gaveto um adro fechado, a natureza revelada**<sup>15</sup>

A construção do complexo paroquial foi pretexto para poder oferecer ao bairro dos Assentos um espaço público que faltava no plano idealizado em meados da década de 1970, para a zona residencial então periférica da cidade de Portalegre.

Se por um lado a amplitude e diversidade do programa a alojar poderia pressupor uma enorme potenciação social do espaço a criar, a escolha tipológica e a sua concretização formal apontam num outro sentido.

A solução adoptada, procura reinterpretar o modelo conhecido da história da arquitectura, a basílica antecedida por um pátio exterior encerrado.<sup>16</sup>

Pelo exterior, um compacto e enigmático volume branco sem vãos rasgados sobre as ruas e sem qualquer referência à natureza religiosa do edifício. Uma presença urbana forte, característica de um equipamento público que não se deixa passar despercebido no bairro. Note-se, por exemplo, a força dos 85 metros de extensão do muro cego “caiado”, reforçada pela interrupção do alinhamento arbóreo (pré-existente) na rua principal.

Ainda que não ocupe uma posição central no bairro, junto de outros equipamentos públicos (escolas, piscina, zona comercial), o complexo paroquial ocupa um lote que goza de uma situação urbana de exceção, um gaveto. Contudo a solução arquitectónica adoptada não tira partido desta localização de cruzamento, não aproveita a esquina como momento de convite à entrada no complexo.

O lote rectangular, murado em todo o seu perímetro, está cuidadosamente implantado, alinhando cérceas, volumetrias, respeitando as pré-existências edificadas, completando o quarteirão de moradias em banda, procurando o equilíbrio entre o edificado.<sup>17</sup>

O acesso ao pátio interior é feito pelo lado mais estreito do lote, estando de nível com uma rua de carácter secundário no bairro. A entrada para o pátio, que é simultaneamente o adro, é marcada pelo recuar de uma parede suspensa, que gera um momento de alargamento do passeio público. Aí foi colocado um conjunto de portões metálicos pivotantes, a toda a largura do adro, que por motivos de segurança e manutenção daquele espaço foram feitos a pedido do dono da obra. A visibilidade do adro foi, no entanto, garantida. Infelizmente, esta solução barrou o acesso pedonal ao interior do edifício quando não há celebrações religiosas, acentuado a natureza privada daquele espaço que, em princípio, se queria aberto ao público.

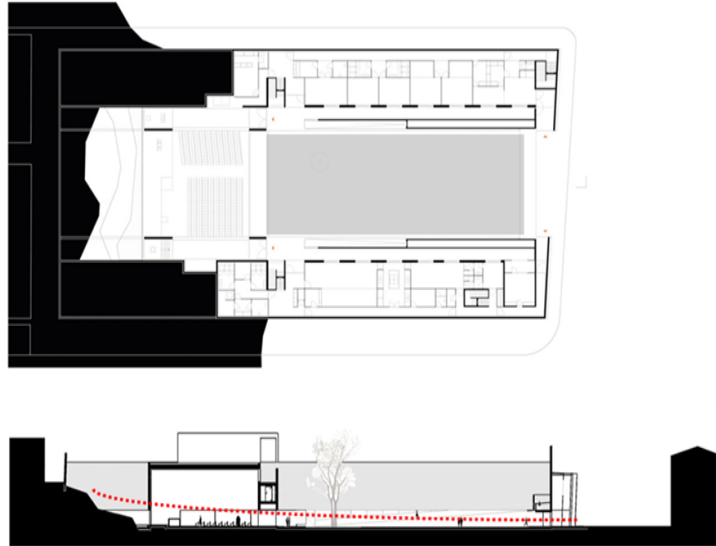


Fig. 3

O tratamento daquele pátio interior e da sequência de momentos que propõe, convida a uma experiência contemplativa:

*"O espaço principal é um contínuo que nos leva desde a rua até à rocha quartzítica, posta a nu pelo terreno aplanado. Primeiro, o pórtico de entrada. Depois o pátio-adro flanqueado pelas duas rampas e pelas alas onde se distribuem os centros comunitário e paroquial. Ao fundo, o espaço central da igreja, que um envidraçado torna inesperadamente transparente. Por último, o pátio exterior construído com a rocha existente, o ar, a luz zenital, água e plantas. Um espaço exterior aberto à contemplação".*<sup>18</sup>

Ao valorizar a contemplação, não resolve a sua articulação com a cidade real, escondendo o edificado construído à sua volta. É o espaço ordenado e controlado só possível porque se encerra em si. As paredes brancas que ocultam os centros comunitário (infantário e centro de dia) e da paróquia, juntamente com a da entrada e a da igreja uniformizam os 4 alçados interiores do adro, criando como que uma sala do bairro, sem teto. Aliás este espaço já acolheu festas, procissões, etc. Dada a sua linguagem minimal, as paredes juntamente com a única árvore plantada naquele pátio-terreiro, acentuam o carácter cenográfico do acesso à igreja. Só é possível identificar a igreja graças à transparência do envidraçado que a revela.<sup>19</sup> Ao fundo de tudo, há uma cruz de madeira chumbada num rochedo que as escavações da obra revelaram. Um rochedo preservado, uma natureza revelada em jeito de símbolo para fazer face à "banalidade" do bairro, que o autor refere. O arquiteto quis compor um quadro natural em jeito de retábulo para a igreja, mas também um quadro para o adro, graças ao seu envidraçado transparente.<sup>20</sup>

O desenho de espaço público encerrado, o adro aqui proposto, não resulta do diálogo com a envolvente existente. Ao invés, procura criar no interior um diálogo com um outro tipo de realidade "pré-existente", a natureza esquecida e escondida, revelada pelo projecto – a rocha escavada!

### 3. Na fragmentação, uma malha cosida pelo adro <sup>21</sup>

A antiga quinta agrícola dos Murteirados, hoje situada dentro do perímetro urbano do Marco de Canaveses, nunca foi alvo de um estudo do tipo “plano de pormenor”. Assim foi sendo loteada e edificada de acordo com as necessidades da cidade, que ao longo dos últimos 40 anos, aí construiu: habitação de custos controlados, equipamentos de ensino, lar de idosos, quartel dos bombeiros e mais recentemente o complexo paroquial de Santa Maria.

O lote de 5500m<sup>2</sup> adquirido pela paróquia situa-se sobre uma curva da movimentada estrada que atravessava a cidade, hoje sua rua. Era um terreno difícil, dada a topografia inclinada, o carácter fragmentado das construções vizinhas e a relação com a estrutura viária. Por tudo isto, Siza reconhece que até gostaria de ter projectado a igreja numa “*zona habitada intensamente, no centro ... era um conceito diferente de colocação na cidade*”<sup>22</sup> contudo, aquele programa permitia-lhe pensar numa possibilidade de ordenação daquela área urbana fragmentada e arquitetonicamente tão pouco interessante.

Uma análise da envolvente permitiu identificar o ponto de amarração necessário, o lar de idosos, “um volume muito firme na sua implantação” que se revelou essencial para a criteriosa colocação dos que compõem o complexo paroquial (a igreja, o centro e casa paroquial).<sup>23</sup>

A elevação do adro em relação à rua movimentada e a presença dominante do corpo da igreja, permite estabelecer um paralelo com o projeto do Sagrado Coração de Jesus, passados perto de 25 anos.

*“Uma igreja é um edifício público institucional, mas não ao nível dos outros. Goza de uma certa autonomia no tecido urbano. Deve, de uma maneira ou doutra, destacar-se dele. Isso não quer dizer que tenha de ser mais alto do que os outros, mais dominante, mesmo se no caso do Marco o é, como aliás o é um edifício vizinho que não é religioso.”*<sup>24</sup>

O volume proposto para o centro paroquial procura uma presença próxima da escala das moradias unifamiliares vizinhas, servindo inclusivamente de remate a estas construções. O facto da igreja e complexo paroquial partilharem de uma mesma linguagem formal, ainda que com escalas bem diferentes, faz com que o conjunto ganhe uma identidade una.

Ao fragmentar o programa em volumes autónomos, Siza responde simultaneamente a duas premissas, como ele próprio explica:

*“Fragmentar a Igreja é 2 coisas: inclui-la no tecido da cidade que tem essa mesma fragmentação e também dar conformação a um espaço espacialmente adstrito (o adro). A grande porta também tem a ver com isso.”*<sup>25</sup>

O adro é, simultaneamente, momento de tensão e de equilíbrio entre os dois corpos que o definem, é o vazio necessário para que haja diálogo entre as partes, “*para compensar a concentração de volumes*”.<sup>26</sup> O espaço público gerado entre eles, o adro de geometria irregular, foi desenhado com um enorme detalhe e controlo. Um olhar atento permite identificar três partes diferenciadas que o compõem.



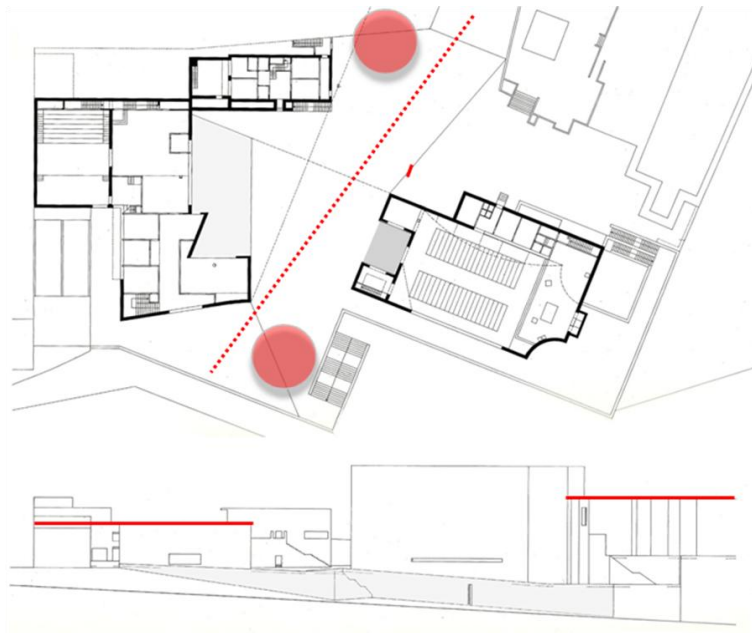


Fig. 4

Uma é o pátio do centro paroquial, uma plataforma de nível definida pelo grande U do edifício. Um espaço de forte relação com a vida do centro paroquial que é rasgado por envidraçados ao nível do rés-do-chão permitindo uma forte relação interior/externo. Depois, uma guia que se transforma em banco, ao jeito de mobiliário urbano informal, resulta do controlo da pendente do terreno. Este banco voltado para a fachada da igreja separa o pátio descrito do segundo espaço, a grande praça.

O vazio da praça coincide com o antigo percurso que cruzava o terreno e que foi, propositadamente, mantido pelo arquiteto. Desta forma foi garantida a utilização e passagem da população pelo adro, respeitando um uso anterior à construção do complexo. Um cruzeiro em pedra para pontuar e evidenciar o carácter religioso deste espaço público chegou a ser esquisado, contudo nunca foi executado. Igualmente não concretizada foi a plantação de duas árvores que encerrariam visualmente o grande espaço central, tornando-o um espaço mais resguardado.<sup>27</sup> A fragmentação do programa em torno do vazio pontuado pela presença destes elementos, árvores e cruzeiro, remete para a composição tradicional do adro rural da cultura portuguesa.

Por último, o espaço mais regular e pequeno, o mais íntimo - o da entrada da igreja frente à sua grande porta, ladeada pelo batistério e pela torre sineira. Uma pequena área de lajeado de granito bujardado contrasta com a calçada do adro em micro-cubo. A rotação da porta sobre este pequeno espaço descrito sugere a abertura da Igreja à Cidade, enquanto a dimensão e proporção da porta (3x10m) garante a continuidade espacial interior/externo.<sup>28</sup> Tanto na obra de Lisboa como na de Portalegre esta continuidade espacial do adro com o espaço litúrgico era

garantida controlando os vãos horizontais rasgados a toda a largura do espaço interior, fossem eles a porta de fole ou o vão fixo envidraçado.

A proposta do espaço público de Siza contempla, para além de tudo isto apresentado, uma pequena zona de acolhimento arborizada ao nível da rua articulada com uma escada que conduz à plataforma do adro. Ainda são de referir os percursos à volta da igreja, o jardim e pátio situados junto à capela mortuária. Ao contrário do caso anteriormente exposto de Portalegre, no Marco uma envolvente igualmente desinteressante não deu origem a uma solução encerrada, sendo o adro apenas uma parte da proposta de espaço público.

Em suma, o esforço na justa implantação dos volumes, na geometria adoptada e na reinterpretção do tradicional desenho do adro resultou na consolidação da malha urbana pré-existente. Dialogando com a envolvente garantiu um equilibrado enquadramento do conjunto, enquanto parte constituinte da paisagem urbana. O projecto de espaço público surge assim amarrado ao lugar que ocupa e, com poética, tira partido dele.

---

Nestes três exemplos, o adro foi peça chave na transição entre a cidade e a igreja. O adro, espaço público desenhado com o edifício ou pelo conjunto edificado, materializa o limiar, a passagem da rua para o edifício. O desenho deste limite, o vão da grande porta ou do grande envidraçado, rasga a fronteira entre o exterior e interior. Abre-se assim o "dentro" da igreja à cidade, como lugar público de convite ao silêncio.

## **Bibliografia**

CARRILHO DA GRAÇA, João Luís. *Igreja de Santo António, Portalegre*. [http://www.snpcultura.org/obs\\_13\\_igreja\\_santo\\_antonio\\_portalegre.html](http://www.snpcultura.org/obs_13_igreja_santo_antonio_portalegre.html) [página consultada em Junho, 2012].

CORREIA, Graça. *João Luís Carrilho da Graça : Chiesa e Centro Parrocchiale, Portalegre : uno spazio tra piani sospesi*. In Casabella nº775, Março 2009.

JOBIN, Guy. *A igreja como espaço público: representações e situações de palavra*. Fundação Spes, Porto, 2012.

PEREIRA, Nuno Teotónio *Memória descritiva do ante-projecto levado a concurso* - revista *Arquitectura* nº 76, Outubro 1962.

PEREIRA, Nuno Teotónio *Solução de Conjunto*. Memória Descritiva in catálogo Igreja do Sagrado Coração de Jesus, Exposição dos projectos levados a concurso na Sociedade Nacional de Belas Artes, Lisboa, Outubro de 1962.

PORTAS, Nuno. *A arquitectura para hoje*. Augusto Sá Costa Lda, Lisboa, 1964.

RICHTER, Klemens. *Espaços de igrejas e imagens de igreja*. Gráfica de Coimbra, Coimbra, 1998.

SIZA, Álvaro; HIGINO, Nuno. *Igreja de Santa Maria / The Church of Saint Mary*. Paróquia de Santa Maria de Fornos, Marco de Canaveses, 1998.

SIZA, Álvaro. *A igreja*. in *Imaginar a evidência*, Lisboa, Edições 70, 2000.

SIZA, Álvaro. *Uma questão de medida* / entrevista .Dominique Machabert, Laurent Beaudouin; tradução de Vera Cabrita. Caleidoscópio, 2009.

STOCK, Wolfgang Jean. *European Church Architecture 1950-2000*. Prestel, Munique, 2002.

TOSTÕES, Ana, *Os verdes anos da Arquitectura Portuguesa*. FAUP publicações, Porto, 1997.

TOSTÕES, Ana, (coord) *Arquitectura e cidadania: atelier Nuno Teotónio Pereira*. Lisboa, Quimera, 2004.

VIERA DE ALMEIDA, Pedro. *Igrejas: Sagrado Coração de Jesus e Paroquial de Almada*. in *Arquitectura*, nº 123, 1971.

**João Luís Marques** nasce em 1981 e licencia-se pela Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto em Março de 2006, defendendo a prova final intitulada "Na casa de meu Pai há muitas moradas - reflexões em torno da organização do espaço litúrgico numa igreja em mudança, experiências portuguesas do séc.XX". Estuda no ano lectivo 2003/2004 no Istituto Universitario di Architettura di Venezia, ao abrigo do programa Erasmus; no ano seguinte estagia no escritório de Carlos Ferrater, em Barcelona. Inicia a sua actividade profissional, no Porto, colaborando nos seguintes escritórios: Camilo Cortesão e Architectos Associados (2006/2007), Seródio Furtado & Associados Architectos (2007/2009), Correia Ragazzi architectos (2009). Enquanto profissional liberal independente desenvolve projetos de arquitetura.

Em 2010, integrou o programa de doutoramento em Arquitectura na Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto: perfil - Teoria, Projeto e História, área de investigação – arquitetura religiosa. É investigador bolsheiro da FCT - Fundação para a Ciência e Tecnologia (SFRH/BD/76479/2011) desde 2012 e seu campo de estudo centra-se na relação igreja e cidade.

---

<sup>1</sup> Cf. JOBIN, Guy. *A igreja como espaço público: representações e situações de palavra*. Fundação Spes, Porto, 2012.

<sup>2</sup> Cf. RICHTER, Klemens. *Espaços de igrejas e imagens de igreja*. Gráfica de Coimbra, Coimbra, 1998.

<sup>3</sup> A propósito do Concílio Ecuménico Vaticano II (1962-65) destacam-se alguns documentos. Se a transformação do espaço litúrgico está intimamente ligada com o novo entendimento da Liturgia, ver documento "Sacrosanctum Concilium", a constituição pastoral sobre a igreja no mundo atual "Gaudium et Spes" é chave de leitura para o tema em estudo, da relação Igreja Mundo e consequentemente sobre a presença da igreja no espaço público.

<sup>4</sup> Note-se que e o adro e restantes zonas envolventes exteriores do complexo paroquial são, hoje, espaços de uso público promovidos e geridos por uma entidade privada. Temas como o da permeabilidade e da segurança são considerados, interferindo com a vontade dos projectistas, condicionando o desenho de projecto.

<sup>5</sup> **Sagrado Coração de Jesus** - Lisboa (coord: 39°43' 29''N 9°08'49''W) 1962 projecto a concurso; 1971 dedicação da igreja (19 Junho); 1976 inauguração do centro paroquial/ comunitário

Autoria: Nuno Teotónio Pereira, Nuno Portas

<sup>6</sup> Cf. PEREIRA, Nuno Teotónio *Solução de Conjunto*. Memória Descritiva in catálogo Igreja do Sagrado Coração de Jesus, Exposição dos projectos levados a concurso na Sociedade Nacional de Belas Artes, Lisboa, Outubro de 1962

---

<sup>7</sup> A leitura dos 14 projectos levados a concurso permitiriam só por si inventariar os diferentes entendimentos sobre o modo de articular este programa com a cidade . Cf. revista *Arquitectura* nº 76, Outubro 1962, p.13-30

<sup>8</sup> Cf. actas do júri, 14 de Julho 1962, catálogo "Igreja do Sagrado Coração de Jesus, Exposição dos projectos levados a concurso" na Sociedade Nacional de Belas Artes, Lisboa, Outubro de 1962

<sup>9</sup> Cf. RODRIGUES, Avelino cita Nuno Portas, *ARA - Arte Religioso Actual*, Ano VII, nº26, Outubro - Dezembro 1970

<sup>10</sup> Cf. RODRIGUES, Avelino cita Nuno Teotónio Pereira, *ARA - Arte Religioso Actual*, Ano VII, nº26, Outubro - Dezembro 1970

<sup>11</sup> Cf. Boletim movimento de renovação da arte religiosa, 2ª série nº 15, Novembro 1962 - contém o resumo do debate da reunião de estudo em que foi equacionada a introdução de uma "pequena rampa", que facilitasse o acesso, de pessoas doentes e idosas, à igreja que, por razões de presença urbana se situava num "nível francamente elevado" em relação à rua.

<sup>12</sup> A propósito do tema das zonas de acolhimento (adros elevados, zonas cobertas, etc) valerá a pena olhar para as obras de Hermann Baur - arquitecto suíço e consultor externo do júri do ante-projecto para a "Igreja do Sagrado Coração de Jesus e seus anexos".

<sup>13</sup> Cf. VIEIRA DE ALMEIDA, Pedro. *A Igreja do Sagrado Coração*. In jornal *A Capital*, suplemento Literatura e Arte, 22 de Julho 1970

<sup>14</sup> Vejam-se as obras de Walter Foreder: *St. Johannes*, Luzern 1965-1970, *Heiligkreuzkirche*, Chur 1966-1969.

<sup>15</sup> **Santo António** - Portalegre (coord: 39°16'48"N 7°25'39"W)  
1993 Projecto; 2008 Dedicção da igreja (13 Junho)

Autoria: João Luís Carrilho da Graça

<sup>16</sup> Carrilho da Graça refere a importância da basílica de Sant' Ambrogio, em Milão: "*Há uma igreja Milão Santo Ambrogio, que na altura em que eu estava na escola era muito referida por Aldo Rossi pelos arquitectos da tendencia que tem a frente assim e dessa frente saem duas "loggias" um espaço de entrada e acesso que é um pouco como esta da igreja de Portalegre... e eu lembrava-me dessa igreja.*" Entrevista a Carrilho da Graça realizada em Lisboa a 2 de Novembro de 2011.

<sup>17</sup> Cf. CORREIA, Graça. *João Luís Carrilho da Graça : Chiesa e Centro Parrocchiale, Portalegre : uno spazio tra piani sospesi*. In Casabella nº775, Março 2009, p.79 - "*Num quarteirão de grande pendente orientada a sul, trata de rematar as construções existentes, perpendiculares ao declive, através de dois corpos que procuram a escala das ruas na relação volumétrica com as mesmas e configuram, com a igreja que os une, um adro.*"

<sup>18</sup> Cf. CARRILHO DA GRAÇA, João Luís. *A igreja de Santo António, Portalegre*  
[http://www.snpcultura.org/obs\\_13\\_igreja\\_santo\\_antonio\\_portalegre.html](http://www.snpcultura.org/obs_13_igreja_santo_antonio_portalegre.html)

<sup>19</sup> Note-se que nos primeiros estudos de projecto a intenção era a criação de uma porta de madeira que permitisse o prolongamento do espaço de culto para o exterior, em ocasiões festivas.

<sup>20</sup> Tal como o "bosque desabitado" de que fala Luís Santa Maria a propósito da capela de Otaniemi. Cf. SANTA MARIA, Luís. *Tierra Espaciada: El árbol, el camino, el estanque: ante la casa*. Tese de doutoramento

<sup>21</sup> **Santa Maria** - Marco de Canaveses (coord:41°11'18"N 8°04'44"W)  
1990 Projecto; 1996 Dedicção da igreja (7 Julho); 2007 Inauguração do Centro Paroquial; Casa Paroquial (sem data prevista para construção)  
Autoria: Álvaro Siza Vieira

<sup>22</sup> Entrevista a Álvaro Siza realizada no Porto a 3 de Dezembro de 2011.

<sup>23</sup> A casa paroquial não chegou a ser construída. Para Siza esta é de grande importância para a delimitação do adro e para a definição dos acessos pedonais.

---

<sup>24</sup> Cf. SIZA, Álvaro. *No convento de La Tourette - Onde se falou da igreja do Marco de Canaveses*. In Uma questão de medida, entrevista de Dominique Machabert, Fevereiro 1997

<sup>25</sup> Entrevista a Álvaro Siza realizada no Porto a 3 de Dezembro de 2011. Ainda a propósito da fragmentação veja-se o projecto para a Faculdade de Arquitectura, Porto. Também a solução deste projecto passa pela “fragmentação” do programa disposto à volta de um grande vazio. Desta forma Siza procura responder, de melhor forma, à sua envolvente urbana.

<sup>26</sup> Ibid.

<sup>27</sup> Estas intenções de projecto encontram-se em esboços de Siza publicados Cf. SIZA, Álvaro; HIGINO, Nuno. *Igreja de Santa Maria / The Church of Saint Mary*. Paróquia de Santa Maria de Fornos, Marco de Canaveses, 1998.

Fig.1 Quadro síntese - Os três complexos paroquiais (da esquerda para a direita, por coluna): Sagrado Coração de Jesus 1962-1976, Santo António 1993-2008, Santa Maria 1990-2007. Plantas gerais (destacando a cinza os centros paroquiais e a vermelho o adro). Vistas aéreas (fotografias do Google Earth, 2012). Aspectos dos adros (fotografia do autor, arquivo JLCG, Fernando Guerra)

Fig.2 Sagrado Coração de Jesus - análise do autor sobre a planta  
A linha vermelha indica o percurso de atravessamento que une as duas ruas.  
O ponteadado indica o percurso secundário que atravessa o adro, assinalado pela mancha.

Fig.3 Santo António - análise do autor sobre planta e corte  
O ponteadado indica o “contínuo” referido pelo autor do projecto que une a rua à rocha, passando pelo pátio encerrado, o adro (assinalado a cinza).

Fig.4 Santo Maria - análise do autor sobre planta e alçado  
O ponteadado indica o direcção do percurso pré-existente no terreno.  
À esquerda, o pátio do centro paroquial (mancha cinza clara). À direita, o espaço lajeado à entrada da igreja (mancha cinza escura).  
Os dois círculos e a linha indicam a localização proposta para as árvores e para o cruzeiro, conforme os esboços e entrevista realizada (3 de Dezembro de 2011).  
No alçado são evidenciadas as relações altimétricas concordantes com as construções vizinhas.